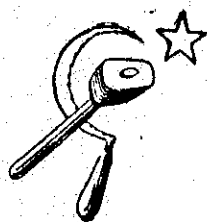


PROLETARIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOSI



O Comunista

Orgão da Liga Comunista Internacionalista
(REGIÃO DO RIO)

276

Niterói, 12. de Julho de 1934 -:- Nº. 4 -:- Rs. 100,

QUE É O NACIONAL-SOCIALISMO ?

L. Trotsky

(Continuação)

A bandeira do nacional-socialismo foi içada por homens oriundos da camada de comando inferior e media do antigo exército. Cobertos de condecorações, os oficiais e sub-oficiais não pediam admitir que o seu heroísmo e os seus sofrimentos não somente tivessem sido desperdiçados pela pátria, como ainda não lhes dessem direitos de reconhecimento. Daí o ódio pela revolução e pelo proletariado. Não se conformavam mais em ser relegados pelos banqueiros, pelos industriais e pelos ministros aos modestos postos de contador, de engenheiro, funcionário dos Correios ou professor público. Daí o socialismo deles. Sobre Yser e sob Verdun aprenderam a se sacrificar, a sacrificar os outros e a falar uma linguagem de comando, que se impunha aos pequenos burgueses da retaguarda. Assim tornaram-se chefes.

No começo de sua carreira política, Hitler quasi que se distinguiu só por mais temperamento, por uma voz mais alta, uma mediocridade intelectual mais confiante em si. Entrou no movimento tendo como único programa a sede de vingança de um soldado ultrajado. Hitler começou pelas injurias e pelas queixas contra as condições de Versalhes, contra a carestia da vida, contra a falta de respeito aos sub-oficiais valorosos, contra as intrigas dos jornalistas e dos banqueiros da religião de Moisés. Havia, no país, muitas pessoas arruinadas, em naufrágio, com cicatrizes, com equimoses bem recentes. Cada um deles queria dar seu sôco na mesa. Hitler podia fazê-lo melhor que os outros. É verdade que não sabia como remediar o mal. Suas denúncias, porém, ressoavam como uma ordem e como uma prece à sorte cruel. Como os doentes desesperados, as classes condenadas não cansam de variar suas queixas, nem de escutar consolações. Todos os discursos de Hitler eram nesse tom. O sentimentalismo informe, a ausência de uma disciplina de pensamento, a ignorância junto às leituras variadas - todos esses meios se transformaram em auxílios. Davam a Hitler a possibilidade de unir na sacóla de mendigo do nacional-socialismo toda sorte de descontentamento, e de conduzir a massa para onde ela o empurrasse. De suas primeiras improvisações, não ficou na memória do agitador sinão o que encontrava aprovação. Seus pensamentos políticos foram o fruto da acústica oratória. Assim se efetuava a escolha das palavras de ordem. Assim se amontoava o programa. Assim, da matéria bruta, se formou o "chefe".

Desde o começo, Mussolini soube apreciar a matéria social mais conscientemente do que Hitler, de quem o misticismo policial de um qualquer Matternich está mais próximo que a álgebra política de um Machiavel. Sob o ponto de vista intelectual, Mussolini é mais corajoso e mais cínico. Basta indicar aqui que o ateu de Roma se serve da religião como da polícia ou da justiça, enquanto o seu colega de Berlim crê realmente na infalibilidade da Igreja Romana. Na época em que o futuro ditador ita-

liano ainda considerava Marx "como mestre imortal de nós todos", defendia, não sem arte, a teoria que na sociedade contemporânea, predomina, antes de tudo, a relação de duas forças fundamentais: a burguesia e o proletariado. É verdade, escrevia Mussolini, em 1914, que entre essas forças existem numerosas camadas intermediárias que formam uma "espécie de tecido conjuntivo da coletividade humana", mas "nos períodos de crise, as classes intermediárias são impelidas, conforme seus interesses e suas ideologias, para uma das classes fundamentais". Generalização muito importante! Assim como a medicina científica dá, não somente a possibilidade de curar as moléstias como a de, pelo caminho mais curto, enviar um homem saudável ad patres, assim também a análise científica das relações de classes, destinada por seu inventor a mobilizar o proletariado, deu a Mussolini, quando passou para o campo oposto, a possibilidade de mobilizar as classes intermediárias contra o proletariado. Hitler realizou o mesmo trabalho traduzindo a ideologia do facismo na língua da mística alemã.

Os braseiros em que se queima a literatura ímpia do marxismo esclarecem vivamente a natureza de classe do nacional-socialismo. Enquanto os nazis agiram como partido e não como poder de Estado, quase não encontraram acesso à classe operária. Por outro lado, a grande burguesia, mesmo a que sustentava Hitler com seu dinheiro, não considerava este partido como o seu. A "renascença" nacional apoiou-se inteiramente nas classes intermediárias, na parte mais atrasada da nação, no fardo mais pesado da história. A arte política consistia em soldar a pequena burguesia por uma hostilidade comum para com o proletariado. Que era preciso fazer para que as coisas fossem melhor? Antes de tudo esmagar os que estão em baixo. Impotente diante do grande capital, a pequena burguesia espera, pela ruína dos operários, reconquistar desde já uma dignidade social.

Os nazis designam o seu golpe de estado com o nome usurpado de revolução. Na realidade, na Alemanha como na Itália, o facismo deixa o sistema social intacto. Tomado em si, o golpe de estado de Hitler não tem o direito mesmo ao nome de contra-revolução. Mas não se pode considerá-lo isoladamente: é um desfecho do ciclo de abalos que, na Alemanha, começou em 1918. A Revolução de Novembro, que deu o poder a um conselho de operários e soldados, era, por sua tendência fundamental, proletária. Mas o partido que se encontrava à testa do proletariado transferiu o poder à burguesia. Nesse sentido, a social-democracia inaugurou a era da contra-revolução antes que a revolução conseguisse levar seu trabalho até o fim. Entretanto, enquanto a burguesia ainda dependia da social-democracia, isto é, dos operários, o regime conservava os elementos de um compromisso. A situação, porém, internacional e interior do capitalismo alemão não dava mais lugar às concessões. Si a social-democracia salvou a burguesia da revolução proletária, o facismo veio, por seu turno, livrar a burguesia da social-democracia. O golpe de estado de Hitler só é o anel final na cadeia de deslocamentos contra-revolucionários.

O pequeno burgês ~~xxxixixix~~ é hostil à idéia da evolução, porque a evolução vai inevitavelmente contra ele: o progresso só lhe tem acarretado dívidas que não pode pagar. O nacional-socialismo repudia não somente o marxismo, mas também o darwinismo. Os nazis maldizem o materialismo, porque as vitórias da técnicas sobre a natureza significam a vitória do grande capital sobre o pequeno. Os chefes do movimento liquidam o "intelectualismo", menos porque formam intelectuais de segunda ou de ter-

ceira ordem, mas sobre tudo porque seu papel histórico não admite que um pensamento seja elaborado até o fim. O pequeno burgês tem necessidade de uma instancia superior, acima da matéria e da história, protegida contra a concorrência, a inflação, a crise, e a venda em leilões. A evolução, a concepção materialista, ao racionalismo - ao séculos XX, XIX e XVIII - opoz-se o idealismo nacional como fonte de uma inspiração heróica. A nação de Hitler é a sombra mitológica da própria pequena burguesia, delírio patético que lhe mostra seu reinado milenar sobre a terra.

Para elevar a nação acima da história, dá-se o apoio da raça. A História é considerada como emanção da raça. As qualidades da raça são construídas independentemente das condições sociais variáveis. Rejeitando a interpretação econômica como inferior, o nacional-socialismo dá mais um degrau do materialismo econômico apela para o materialismo zoológico.

A teoria da raça, como criação especial para um alto didata pretencioso que procurasse uma chave universal para todos os mistérios da vida, aparece lamentavelmente sobre tudo à luz da história das idéias. Para criar a religião do sangue germânico puro, Hitler tomou emprestado, em segunda mão, as idéias do racismo a um francês, Gobineau, - diplomata e escritor dilétante. Quanto à metodologia política, Hitler acharia, prontinha, entre os italianos. Mussolini utilizou longamente a teoria da luta de classes de Marx. O próprio marxismo era o fruto da união da filosofia alemã, da história francesa e da economia inglesa. Remontando a genealogia de idéias, fosse das mais reacionárias ou das mais estúpidas, não se encontra traço de racismo.

A pobreza imensa da filosofia nacional-socialista não impediu as ciências universitárias de entrar através dos desdobrados no gargalo de Hitler, quando sua vitpria se tornou suficientemente nítida. Os anos do regime de Weimar foram, para a grande parte da plebe professoral, uma época de agitação e inquietação. Os historiadores, os economistas, os juristas perdiam-se em conjeturas para saber qual dos critérios da unidade que se combatiam, era o mais justo, isto é, qual o campo que, afinal de contas, se encontraria senhor da situação. A ditadura fascista vem afastar as dúvidas de Fausto e as hesitações da Hamlet da cadeira universitária. Do crepúsculo da relatividade parlamentar, a ciência entrou novamente no reino do absoluto. Einstein foi obrigado a colocar sua tenda fóra da Alemanha.

No plano da política, o racismo é uma variedade inchada e presunçosa do patriotismo combinado a frenologia. Assim como a hobreza arruinada achava um consólo na nobreza de seu sangue, a pequena burguesia pauperizada se embriaga com fábulas sobre as vantagens particulares de sua raça. É de notar que os chefes do nacional-socialismo não são de origem germânica, mas vêm da Áustria, como o próprio Hitler, das províncias bálticas do antigo império do tsar, como Rosenberg, dos países coloniais, como Hess, o adjunto de Hitler na direção do partido. Foi necessário o alarido bárbaro de nacionalidades à periferia da civilização para impôr aos "chefes" as idéias que encontraram logo eco no coração das classes mais bárbaras da Alemanha.

A personalidade e a classe - o liberalismo e o marxismo - eis o mal. A nação é o bem. Mas, na soleira da propriedade, esta filosofia volta

ao inverso. É só na propriedade pessoal que reside a salvação. A ideia de propriedade nacional é fruto do bolchevismo. Divinizando a nação, o pequeno burguês nada lhe quer entregar. Ao contrário, ele espera que a nação lhe proporcione a propriedade e o proteja contra o operário e oficial de justiça. Infelizmente o Terceiro Reich, dará ao pequeno burguês novos impostos.

No domínio da economia contemporânea, internacional por seus laços, impessoal por seus métodos, o princípio das raças parece sair de um cemitério da Idade Média. Os nazis adequadamente fazem concessões à pureza da raça que, no reino do espírito, é certificada pelo passaporte, deve ser confirmada principalmente, no domínio da economia, pela eficiência. Nas condições contemporâneas isto significa: capacidade de concorrência. Pela porta dos fundos o racismo retorna ao liberalismo económico, despedido das liberdades políticas.

O nacionalismo na economia se reduz, praticamente, às explosões do anti-semitismo, impotente apesar de toda a sua brutalidade. Do sistema económico contemporâneo os nazis põem de lado o capital usurário e bancário como se fosse o demónio. Ora, é precisamente nesta esfera que a burguesia judaica ocupa um grande lugar. Inclinando-se diante do capitalismo em seu conjunto, os pequenos burgueses declaram guerra ao espírito maligno da acumulação, sob a forma de um judeu polonês, com um grande caftan, que muito frequentemente anda sem vintém no bolso. O program torna-se a prova mais elevada da superioridade da raça.

O programa com que o nacional-socialismo chegou ao poder - ai de mim - lembra bastante os "grandes armazinhos judeus" de uma província perdida. Que não se acha - a um baixo preço e de uma qualidade ainda mais baixa - : a lembrança dos tempos felizes da livre concorrência e a evocação vaga da estabilidade de uma sociedade de castas; as esperanças no renascimento do império colonial e os sonhos de uma economia fechada; as frases sobre um retorno do direito romano ao velho direito germânico e as negociações da moratória americana; a hostilidade invejosa a respeito da desigualdade que toma a forma de um palacete e de um automóvel e o medo animal da igualdade que toma a forma de um operário de boné e sem colarinho; a raiva do nacionalismo e o medo diante do creador mundial... Todas as imundícies do pensamento político internacional serviram para encher o tesouro intelectual do novo messianismo germânico.

O facismo elevou à política as camadas mais baixas da sociedade. Não somente nas casas dos camponeses, mas também nos arranha-céus das cidades, ao lado do século vinte, vivem ainda hoje o dez e o treze. Centenas de milhões de pessoas empregavam a corrente elétrica sem cessar de crer na força mágica dos gestos e dos feitiços. O papa de Roma propaga o milagre da transformação da água em vinho. As estrelas de cinema vão à casa dos feiticeiros. Os aviadores que dirigem mecanismos maravilhosos criados pelo gênio do homem, trazem amuletos sob sua sweater. Que reservas inesgotáveis de trevas, de ignorância e de selvageria! O desespero as levantou, o facismo lhes deu uma bandeira. Tudo o que, no desenvolvimento normal da sociedade, seria rejeitado do organismo nacional sob a forma de excremento de cultura, saltou agora pela guela: a civilização capitalista vomita uma barbaria não digerida. Tal é a fisiologia do nacional-socialismo.

O facismo alemão como o italiano elevou-se ao poder sobre o dorso

da pequena burguesia, que a transformou em ariete contra as organizações da classe operária e contra as organizações da democracia. Mas o facismo no poder é menos que tudo o governo da pequena burguesia. Ao contrário, é a ditadura mais implacável do capital monopolizador. Mas solini tem razão: as classes intermediárias (são incapazes) são incapazes de uma política independente. Nos períodos de grandes crises são chamadas a levar até ao absurdo a política de uma das duas classes fundamentais. O facismo conseguiu pô-las a serviço do capital. Palavras de ordem como a estatização dos "trusts" e a liquidação dos ganhos ilegítimos veem-se burlescamente lançadas à margem, logo desde a tomada do poder. Ao contrário, o particularismo dos "territórios" alemães, que se apoiava nas particularidades da pequena burguesia, deixou lugar ao centralismo capitalista e policial. Cada sucesso da política exterior e interior do nacional-socialismo significa, inevitavelmente, o esmagamento do pequeno capital pelo grande. O programa das ilusões pequeno-burguesas não é anulado; destaca-se simplesmente da realidade e dissolve-se em atos rituais. A unificação de todas as classes reduz-se ao semi-simbolismo do serviço obrigatório do trabalho e à confiscação "em favor do povo" da festa operária do 1º de Maio. A manutenção do alfabeto gótico contra o alfabeto latino é uma revanche simbólica contra o jugo do mercado mundial. A dependência dos banqueiros internacionais, inclusive os judeus, não se adota num minimum: ao contrário, é proibido abater os animais segundo o rito do Talmud. Si o inferno está calçado de boas intenções, os caminhos do Terceiro Reich são ladrilhados de símbolos. Convertendo o programa de ilusões pequeno-burguesas em pu-ras mascaradas burocratas, o nacional-socialismo se eleva acima da nação como a peor forma do imperialismo. A esperança de que o governo de Hitler pudesse cair hoje ou amanhã, vítima de sua própria inconsistência intrínseca, é absolutamente vã. Era necessário aos nazis um programa para chegar ao poder; mas o poder não serve absolutamente a Hitler para realizar este programa. A tarefa lhe é fixada pelo capital monopolizador. A concentração forçada de todos os recursos e de todos os meios do povo, segundo os interesses do imperialismo - missão histórica real da ditadura facista - significa a preparação para a guerra; essa tarefa, por seu turno, não oferece nenhuma resistência, interior e eleva a concentração mecânica ulterior do poder. Não se pode nem reformar nem demitir o facismo. Só se pode derribá-lo. A órbita política dos nazis conduzirá a esta alternativa: a guerra ou a revolução.

Prinkipo, 10.6.938.

N O T A:- O primeiro aniversário da ditadura nazi se aproxima. Todas as tendências do regime puderam aparecer com clareza e precisão. A evolução "socialista", que as massas pequeno-burguesas se afigurava ser o complemento indispensável à revolução nacional, está oficialmente condenada e liquidada. A fraternização das classes atingiu seu ponto culminante com o fato dos possuidores, num dia especialmente fixado pelo governo, renunciarem, em favor dos despossuídos, a seus "hors-d'œuvre" e à sua sobremesa. A luta contra o "chômage" consistiu em que se partisse em duas a meia-porção de fome. O resto é a tarefa da estatística bem disciplinada. A autarquia planificada revela-se ser simplesmente um novo estado da desagregação económica.

Quanto mais o regime policial dos nazis é impotente no domínio da economia, tanto mais é obrigado a levar seus esforços no domínio da política exterior. Isto responde absolutamente à dinâmica interna do capi-

definitivamente para o Ocidente, onde as possibilidades imediatas da edificação do partido são incomensuravelmente maiores." (A IV INTERNACIONAL E A URSS.)

Estas linhas não eram uma reflexão feita ao azar, mas uma reflexão que resumia toda a experiência da última década. A Oposição russa, que primeiro fixara como objetivo imediato reconstruir o partido bolchevique e guiar a política deste no caminho da revolução internacional, sucumbiu na luta. Pode-se sofrer uma derrota porque se realize uma política falsa do ponto de vista dos princípios. Pode-se também, com uma política justa, ser vítima de uma relação de forças desfavorável. Engels apontou muitas vezes o fato de que um partido revolucionário se perde uma batalha histórica decisiva, está inevitavelmente perdido como organização. Poder-se-ia opor a isto a sorte do partido bolchevique que, apesar da derrota de 1905, conseguiu doze anos depois a maior vitória revolucionária da história. Mas, olhando-o mais de perto, este exemplo só vem confirmar a afirmação de Engels. O partido bolchevique, como organização de massas, desaparecera nos anos de 1907-11. Só restavam os elementos de quadros minúsculos, dispersos, a maior parte vacilantes; restava, antes de tudo, o estado maior da imigração, com Lenine à frente.

A afluência de 1912-14 pôs em pé uma nova geração revolucionária, tirou da letargia em que se encontrava uma parte dos velhos bolcheviques e criou assim uma nova organização de partido, que historicamente mas de nenhum modo organizativamente era a continuação do velho partido bolchevique. Este exemplo não esgota em absoluto a questão de que nos ocupamos, mas oferece muitos pontos de apoio para sua compreensão.

A Oposição de Esquerda começou com a luta pela industrialização e pela coletivização agrária da União Soviética. Esta luta, ganhou-a num certo sentido; isto é, no sentido em que o conjunto da política do governo soviético, desde 1928, constitui a aplicação, burocraticamente deformada, dos princípios da Oposição de Esquerda. Si assim não fosse, o poder soviético já não existiria há muito tempo. As questões econômicas da URSS, entretanto, só constituem uma parte secundária do nosso programa, cujo centro de gravidade está situado no domínio da revolução internacional. E neste domínio temos anotado, ao mesmo tempo que o proletariado mundial, senão derrotas nestes últimos anos: 1923 na Bulgária e na Alemanha; em 1924, na Estônia; em 1925/27, na China; em 1926, na Inglaterra e na Polónia; em 1928/32 a crescente degeneração burocrática da IC; em 1933, a vitória dos nazis na Alemanha; em 1934, a catástrofe da Áustria.

Em todos estes acontecimentos e processos, a análise e os prognósticos da Oposição de Esquerda confirmaram-se de uma maneira visível, porém desgracadamente negativa. Leiam-se, por exemplo, atentamente, as novelas do autor francês, Malraut: "Os Conquistadores" e "A Condição Humana". Sem se aperceber das relações e das consequências políticas, o artista formula nelas um ato de acusação fulminante contra a política da IC na China, e confirma, com quadros e pessoas, da maneira mais impressionante, tudo quanto a Oposição de Esquerda explicara com teses e fórmulas. Ninguém nos poderá disputar este triunfo teórico inapreciável do método marxista. Mas também em 1905 não foi o método marxista que saiu derrotado, e sim o partido bolchevique. Mais tarde, anos depois, o método se justificou vitoriosamente. Mas, imediatamente depois da

derrota, 99/100 dos quadros- inclusive os membros do CC- abandonaram o partido convertendo-se em pacíficos cidadãos, frequentemente até em pequenos burgueses.

Não é por casualidade que, em consequência das aquisições sociais da Revolução proletária, a reação nacional triunfou na URSS; o proletariado ocidental, tanto quanto os povos oprimidos do Oriente, só registra derrotas. Em lugar da ditadura do proletariado, a que se estende é a ditadura do facismo. A idéia da revolução internacional, quais quer que sejam os motivos, caiu em descrédito; a própria revolução se revela insuficiente. A Oposição de Esquerda, como representante dos princípios da Revolução Internacional, deve, assim, perder a confiança das massas laboriosas da União Soviética, provisoriamente. Esta é a causa fundamental do crescimento da autocracia do aparato burocrático na União Soviética e de sua degenerescência nacional conservadora.

Qualquer operário russo está agora de todo o coração com o proletariado do resto do mundo e espera que este triunfe; mas a revolução internacional, como fator prático, desapareceu pouco a pouco do campo visual da massa operária russa. Coloca esta sua esperança nos êxitos econômicos da União Soviética; discute apaixonadamente as questões de habitação e de alimentação; surge o otimismo em consequência da boa colheita; o que concerne ao movimento operário internacional converteu-se em um ramo afeto a Manuilski-Kussinen-Losovski, que ninguém leva a sério.

É altamente significativa uma frase de Kirov, no último congresso do Partido, sobre o estado de espírito da camada dominante da URSS: "Apenas se pode dizer quanto é bela a vida de nossos dias". Kirov não é uma figura qualquer; é membro do Bureau Político e governador geral de Leningrado; ocupa no Partido, portanto, o posto que ocupava Zinoviev quando sua influência estava em todo o apogeu. Pode-se explicar muito bem que Kirov se regosije com resultados técnicos e com a atenuação da miséria. Não há, no mundo inteiro, um só operário honrado que se regosije com o fato. Mas, o que é inaudito é que Kirov só veja este êxito nacional parcial, não prestando nenhuma atenção a todo o campo do movimento operário internacional. Na vizinha Polônia reina a ditadura militar e em todos os outros Estados vizinhos reina a mais negra reação. Moscou vê-se forçada a manter-se em "amizade" com Mussolini, e depois de doze anos de facismo, o proletariado italiano continua completamente debilitado e decomposto. A Revolução chinesa está derrotada; o Japão reina na Mandchúria; o Estado soviético vê-se obrigado a entregar-lhe a estrada de ferro do Este chinês, o instrumento estratégico mais importante da revolução no Oriente. Os nazis, na Alemanha, triunfaram sem luta, e nenhum burocrático terá já a ousadia de considerar esta vitória como um "acelerador" da revolução proletária. Na Austria, o proletariado está exangue, espedinhado, encarcerado. A IC está irremediavelmente comprometida, converteu-se num obstáculo para a Revolução. A social-democracia, apesar de seus crimes, é de novo o partido mais forte da classe operária e prepara em todos os países "democráticos" o caminho para a escravidão facista. Thorez, na França, segue a política de Thaelmann. Enquanto na Alemanha a elite proletária se consome nos campos de concentração e nas prisões, a burocracia da IC como se fosse cúmplice da social-democracia, esforça-se em fazer de toda a Europa, e mesmo do mundo inteiro, um campo de concentração facista. E Kirov, membro do corpo dirigente do primeiro Estado operário do mundo, confessa que lhe faltam palavras para dizer o quanto é bela a vida. É

isto uma tolice? Não, o nosso homem não é um tolo; é, além disso, não exprime só o seus sentimentos. Sua palavra é repetida e elogiada por todas as folhas soviéticas. Os oradores e os auditórios simplesmente esquecem o mundo inteiro; agem, sentem e pensam somente em russo, e mesmo dentro deste marco, só burocraticamente.

A declaração de capitulação de Sosnovski e de Preobrojenski reflete o mesmo espírito. Fecham os olhos ao proletariado mundial. Isto só lhes permite reconciliar-se com a perspectiva nacional da burocracia soviética. E procuram a reconciliação, têm necessidade dela, porque nas borrascas sucessivas das catástrofes proletárias no Ocidente não vem nenhum apoio, nenhuma grande possibilidade histórica.

Depois da vitória de Hitler, que pôs termo à prehistória da IV Internacional ("Oposição de Esquerda"), não era fácil para nós compreender que na Alemanha, como na Europa em geral, é a lei da inércia que reina em todos os domínios - é necessário agora construir novos partidos dos proletários, na luta implacável contra os velhos. Mas, se não nos orientássemos logo por este caminho, a Oposição de Esquerda não só não teria passado de sua prehistória à sua verdadeira história, como teria desaparecido completamente da arena política. E muito mais difícil, agora, para os quadros da Oposição de Esquerda na URSS, dispersos, isolados, não informados ou que o peior - sistematicamente mal informados, empreender o novo caminho. Rakovsky é um grande temperamento revolucionário, um caráter, um talento, claro. Mas a ninguém é necessário adorar. Rakovsky não é mais que um homem, e separado completamente, durante anos, das grandes perspectivas históricas que animam os quadros da IV Internacional, ~~xxxxxxx~~ "o humano" que reside neste homem venceu. Com isto não queremos de nenhum modo excusar Rakovsky. Explicar, para os combatentes, não significa perdoar, mas só reforçar a autoridade revolucionária.

Durante anos, a marcha realizou-se para baixo, do internacionalismo revolucionário para o nacional-reformismo, de Lenine para Kirov. Assim a vitória conseguida sobre Rakovsky não é sinão o sintoma mais cru da degradação e do rebaixamento do marxismo num país que se converteu em Estado operário graças ao marxismo. Singular dialética, dialética amarga, mas em todo caso dialética, e dela não se pode escapar com uma pirueta espiritual.

A declaração de Rakovsky é a expressão do pessimismo e da ausência de uma saída subjetiva. Sem o mais ligeira exagero pode-se dizer que Stalin obteve Rakovsky com a ajuda de Hitler. Mas isto significa que o caminho de Rakovsky só conduz à não existência política. Seu exemplo pode arrastar a uma dezena ou mais de milioneiros mais jovens. No domínio da política internacional do proletariado isto nada modificará. Em Rakovsky lamentamos um amigo perdido. Mas sua eliminação da luta não nos debilita, porque reforça uma atitude de princípios, ainda que pessoalmente de uma maneira trágica, mas politicamente de uma maneira inquebrantável.

A IC morreu como fator revolucionário. O proletariado mundial só pode aguardar da direção de Moscou obstáculos, dificuldades e sabotagem. A situação é difícil como nunca a foi, mas não é uma situação sem saída porque as nossas dificuldades são as dificuldades do capitalismo mundi-

al transformadas pelas duas burocracias. Dois processos caminham paralelamente, entrecruzando-se, mesclando-se: de um lado a decomposição das antigas configurações, a renúncia às antigas crenças, as capitulações diante de Hitler e como reflexo as capitulações diante de Stalin; de outro lado o despertar da crítica, a procura febril do grande caminho revolucionário, o agrupamento dos quadros da IV Internacional.

A linha leninista só pode, daqui para diante, ser reanimada na União Soviética pelos grandes êxitos revolucionários no Ocidente. Os bolcheviques russos que, sob o fardo da reação nacional, continuam fiéis à nossa causa - e há muitos mais do que pensamos - serão recompensados pela marcha ulterior do desenvolvimento. Agora, porém, a luz não vira do Oriente, mas do Ocidente. A revolução chinesa, vergonhosamente traída, aguarda, também, novos impulsos do proletariado mundial.

Não temos tempo para nos lamentarmos muito por causa dos amigos perdidos - ainda quando são companheiros de uma luta de trinta anos. Que cada bolchevique diga: "Um combatente de sessenta anos, com experiência e autoridade, abandonou nossas fileiras; em seu lugar é necessário que eu conquiste três jovens de vinte anos e a lacuna estará preenchida". Assim, depois de vinte anos, haverá novos Rokovsky que conosco, ou depois de nós, continuarão a luta por nossa causa.

31.3.34.

O FASCISMO EM GERMÂNIA

Os últimos acontecimentos na Alemanha demonstraram a incapacidade do nazismo na resolução das contradições internas daquele país. Só a desilusão em todas as promessas de Hitler, a incapacidade de encontrar uma saída para a situação de pós-guerra, a insolubilidade do problema dos sem trabalho em regime capitalista, o fracasso na Austria, a derrocada financeira etc., criaram o ambiente favorável à revolta.

Assim é que a revolta das tropas de assalto é o primeiro sintoma violento da impotência do nazismo para resolver as contradições do regime capitalista e o prenúncio de sua desagregação futura.

O fascismo revelou sua fraqueza, oculta sob uma exteriorização de força e manifestações de terror e barbárie, botou à nú sua composição, o seu elemento básico - uma "poeira da humanidade". Nem faltou para comprova-lo, nem como todas as nossas declarações anteriores sobre o assunto a confirmação do chefe nacional alemão da prática de pederastia nas suas fileiras. Já em tempos chamamos a atenção para tais hábitos e para os vícios de toxicomania que encontraram sua melhor guarida entre os chefes do nazismo.

Pensem também os operários incitados nas lições da Alemanha. Ao fascismo no nacional, ao integralismo, nem tais requintes certamente faltará.

Já há algum tempo a muita gente os principais chefes e elementos mais destacados do integralismo: o Fontes, o Gustavo Parroso e o presidente da comissão nacional.